



REMEMORAÇÕES E ESCRIVÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PONCIÁ VICÊNCIO¹

REMEMBRANCES AND ESCRIVÊNCIAS IN THE CONSTRUCTION OF PONCIÁ VICENCIO'S IDENTITY

Simone dos Santos Pinto de Assumpção Vieira²

Resumo: Reconhecendo a densidade literária do romance *Ponciá Vivência* (2003) de Conceição Evaristo, o trabalho aqui apresentado tem como objetivo fomentar a discussão acerca da importância da lembrança, baseada na memória ancestral negro-brasileira, e do conceito de Escrivência, escrita pautada na experiência e vivência do ser negro, criado por Conceição, para a construção identitária da personagem Ponciá, mulher negra em uma sociedade pós-abolicionista, cujo nome dá título à primeira publicação solo da autora.

Palavras-chave: Escrivência. Lembrança. Identidade Afro-diaspórica. Ancestralidade.

Abstract: Recognizing the literary density of the novel *Ponciá Vivência* (2003) by Conceição Evaristo, the paper presented here aims to foster discussion about the importance of remembrance, based on the ancestral black-Brazilian memory, and the concept of Escrivência, writing based on the experience of being black, created by Conceição, for the construction of the identity of the character Ponciá, a black woman in a post-abolitionist society, whose name gives the title to the author's first solo publication.

Keywords: Escrivência. Remembrance. Afro-diasporic Identity. Ancestry.

¹ Artigo recebido em 12 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 27 de setembro de 2021.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura na Área de Literatura Comparada (UFRJ); Professora de Literatura e Língua Portuguesa nas redes estadual e municipal de ensino do Rio de Janeiro. E-mail: simoneassumpcao38@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9203-7294>.

A literatura que “incomoda os sonos injustos”³

Para Conceição Evaristo (2020), escrever pressupõe um dinamismo do sujeito que escreve, proporcionando-lhe sua autoinscrição no interior do mundo. Evaristo evidencia que a escrita para as mulheres negras, que, assim como ela experimentam sua existência como o “Outro do Outro” (Kilomba,2012), adquire um sentido de insubordinação.

A frase emblemática de Evaristo: “A nossa Escrivivência *não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos*” mostra que o silenciamento das vozes femininas negras no que se refere à reivindicação por seu espaço, enquanto sujeito individual e coletivo, já não pode ser tolerado. A utilização da literatura como meio de resgate e valorização da memória do ser negro, assim como um instrumento de denúncia às mazelas e traumas sofridos por seu coletivo se faz presente não só na obra de Conceição Evaristo, mas também em diversas outras obras literárias de autoria negra.

Há a necessidade premente de narrativas pautadas em uma perspectiva negra, em que personagens negros sejam retratados em sua inteireza. A literatura canônica tende à estereotipação do negro, e o poder de fala vindo da literatura negra assume o papel social de descolonizar o olhar, representando as personagens negras de forma complexa quanto aos sentimentos, com estabelecimento de vínculos afetivos e protagonismo de suas histórias.

Em contrapartida, a história oficial, como ciência, a qual nos é apresentada nos bancos escolares, insiste em nos negar a versão sob a ótica do oprimido, e ainda é o ponto de vista do opressor que vigora, em que são reforçados o período de dor, a escravidão, e pouca ou nenhuma relevância é dada a nossa ancestralidade, à sabedoria de nossos antepassados; tal qual aos episódios de resistência e luta coletiva - como os quilombos.

Sobre o papel da literatura feita por escritores negros, Miriam Alves (1985, p. 13) registra como a literatura

assume um “compromisso social personificado à medida que falamos do nosso lugar numa maneira própria, estamos dizendo coisas que muita gente não quer ouvir, ou tem medo de ouvir. E neste exato instante estamos rompendo a máscara da invisibilidade colocada em nós por aqueles que nos querem negar ou nos ver à sua maneira, maneira esta que basicamente consiste em nos retratar num servilismo que não tem outro objetivo senão o de se curvar à vida alheia, que de preferência deve ser a vida de algum branco (ALVES,1985, p. 13).

³ O subtítulo faz referência à seguinte frase de Conceição Evaristo: “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 54).

Para Alves (1985), o fazer literário do escritor negro é um ato político-ideológico

Ressalto nesta produção o ato político. Falo em atitude política não para designar passeatas de ficcionistas e poetas negros, exigindo seus direitos à publicação e circulação, exigindo a criação livre, permeada por sua vontade e inspiração, ou ainda exigindo reconhecimento dos órgãos políticos (secretaria disto ou daquilo), ou ainda reclamando suas entradas nos bares acadêmicos fechados (livrarias e editoras), onde somos literalmente barrados e discriminados por trás de discursos de má qualidade, sublitteratura e desinteresse de leitores. Não é deste ato político, que não fizemos, que falo. Falo do ato político que praticamos, escrevendo-nos em nossa visão de mundo. Quando digo nossa, falo Brasil e toda questão econômico-político-histórico-cultural e relacionamentos plurirraciais que permeiam. Nossa produção reflete isto (ALVES, 1985, p. 84).

Ao tratarmos de produções literárias atravessadas por questões étnicas e de gênero, faz-se necessário destacar que o acesso à educação era precário e a inserção da mulher na literatura, há muitas décadas, já era permeada de tabus e preconceitos. Em se tratando da mulher negra, tais obstáculos se tornavam ainda maiores. Segundo Nádía Batella Gotlib (2005)

A condição de subordinação da mulher brasileira, numa sociedade patriarcal, de passado colonial, tal como noutros países da América Latina colonizados por europeus, deixou as suas marcas. Talvez a mais evidente delas seja a do silêncio e a de uma ausência, notada tanto no cenário público da vida cultural literária, quando no registro das histórias da nossa literatura (GOTLIB, acesso em: 23/05/05).

Atualmente ainda estão presentes marcas da tentativa de silenciamento das vozes negras femininas, o que se evidencia, por exemplo, pelo tardio reconhecimento da obra de Conceição Evaristo que, apesar de iniciar sua escrita ainda na juventude, só consegue publicar seus textos aos 44 anos. Sobre a inserção da mulher no meio literário, Evaristo (2017) diz:

Conto a história da publicação do livro, para enfatizar um ponto de vista que tenho afirmado sempre. Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a serem vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida (EVARISTO, 2017, p. 8).

Nossas Escrevivências

No ensaio “*Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo*” Glória Anzaldúa (2000) descreve as dificuldades enfrentadas por mulheres de cor na produção da escrita. Ela diz que a falta de tempo, promovida pela dedicação aos filhos, às tarefas domésticas e a outras funções atribuídas socialmente ao feminino, arrastam essas mulheres para várias direções que as privam de exercer o direito à escrita.

Anzaldúa (2000) critica também a tendência de a educação formal desqualificar a linguagem marcada pela classe e etnia, o que colabora para o apagamento da escrita pautada em lugar de fala proveniente das classes menos abastadas economicamente, o que representa uma escrita atrelada às vivências e experimentações de vida tanto pautadas no individual ou coletivo.

Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia. Eu, por exemplo, me tornei conhecedora e especialista em inglês para irritar, para desafiar os professores arrogantes e racistas que pensavam que todas as crianças chicanas eram estúpidas e sujas. E o espanhol não era ensinado na escola elementar. E o espanhol não foi exigido na escola secundária. E mesmo que agora escreva poemas em espanhol, como em inglês, me sinto roubada de minha língua nativa (ANZALDÚA, 2000, p. 231).

Anzaldúa (2000), em ensaio, vai defender a posição de que as mulheres de cor deveriam buscar meios para expressar suas ideias, transformando-se em criadoras de suas teorias e não mais apenas em objetos de estudo. Indo ao encontro do pensamento de Glória Anzaldúa, Conceição Evaristo trabalha em sua escrita e deixa cunhado um conceito dentro da Teoria Literária: a Escrevivência.

Considerando que todos os discursos são “localizados” (HALL, 1996, p. 65), pode ser dito que o local de fala de Conceição Evaristo nasce do cotidiano, de suas lembranças, de suas próprias experiências perpassadas pela sua condição de mulher negra brasileira. A escrita-vida, baseada na experimentação do eu, em ambiente pouco amistoso, em que se assume uma voz, pautada em sua condição no mundo, como lugar de onde se conta a história, é mencionada por Conceição Evaristo como Escrevivência. Segundo a autora, o termo significa o processo político da escrita em que se toma o lugar dessa escrita como direito, assim como se toma o lugar da vida.

A ideia de tomar o lugar da vida, ocupando o seu espaço como protagonista de sua própria história, é percebida com clareza em sua obra. Evaristo

enaltece a força, a criatividade e a capacidade com que mulheres negras tornam-se fonte geradora de transformações sociais. Em seus textos, a mulher negra é humanizada com toda a complexidade e contradições emocionais do feminino. A sexualidade é apresentada, porém é tratada como parte de um todo da personalidade feminina. Às personagens é dada a voz para que contem suas próprias experiências e memórias.

A condição de mulher negra brasileira é o ponto de partida para sua escrita, suas experiências não são exatamente as mesmas de suas personagens, no entanto, colaboram para que a autora compreenda e transmita ao leitor de forma sensível e detalhista as situações narradas em seus textos, selecionando cada palavra com precisão, mas conservando o caráter poético da obra. A memória coletiva do povo negro é trazida à tona pela rememoração individual das personagens, pela ótica feminina, contribuindo para que a história do negro seja recontada pelo próprio negro.

Rememorações na Construção Identitária

À luz da teoria de Maurice Halbwachs (1990) e Paul Ricoeur (2000) sobre memória, será utilizada aqui neste trabalho a ideia de rememoração como o imbricamento entre as memórias individual e coletiva produzidas a partir do período traumático da escravidão.

Em *A memória, a história, o esquecimento*, Paul Ricoeur (2000) evidencia que o testemunho da memória é o fiador da existência de um passado que já não mais existe. Para ele, a história envolve um confronto de narrativas que define quem narra, por que conta e de que maneira o faz, em que a memória seria o objeto da história. Segundo Ricoeur, a memória é conduzida pelas exigências existências das comunidades para as quais a presença do passado no presente é um elemento essencial para a construção do seu ser coletivo.

Para Maurice Halbwachs (1990), as memórias individuais estão relacionadas ao meio social e as memórias coletivas seriam compostas por lembranças que cada indivíduo pertencente a um grupo social possui. Halbwachs diz que a escrita seria uma importante ferramenta para que as memórias não sejam esquecidas. Nesse sentido, torna-se evidente a importância da literatura negra para perpetuação da memória que a história editada, sob uma perspectiva masculina e branca, não teve interesse em resgatar.

No romance *Ponciá Vicêncio*, a memória coletiva do povo negro é trazida à tona e atrelada à memória individual das personagens, contribuindo para que haja uma recuperação de uma história mutilada pela historiografia oficial. A voz negra fala por si e por paradigmas também próprios. Nossa ancestralidade é tratada de forma poética com o auxílio de recursos linguístico-estilísticos.

As idas e vindas ao passado representam o fluxo de memória que marca a ligação entre presente e passado que são o fio condutor do texto. É também pela rememoração dos fatos que são construídas as relações de afetividade da personagem Ponciá junto aos seus. No tempo da roça, nos tempos de casa de pau a pique, de chão de terra batido, tempo do trabalho com o barro, com as brincadeiras e bonecas de espiga de milho, tempo em que passar por debaixo do arco-íris era o único temor vivido pela personagem.

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava entre elas (EVARISTO, 2017, p. 13).

A expressão da submissão sofrida devido a sua classe, cor e gênero na cidade grande é reforçada por frases curtas e secas com pouca adjetivação. A repetição de palavras, a construção do texto em períodos curtos torna evidente os flashes de memória que vem e vão durante todo o percurso narrativo. O texto é apresentado em blocos que, muitas vezes, passam abruptamente do presente ao passado, sem que haja elemento algum de coesão responsável pela transição desses tempos, o que marca a ausência repentina e recorrente da personagem Ponciá quanto ao tempo presente em que, muitas vezes, parece estar sonhando acordada.

Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (EVARISTO, 2017, p. 19).

O presente de Ponciá nos é apresentado com percalços, frieza e silêncio. A ausência da família, os sete abortos que tivera, a violência do marido e o assujeitamento de si mesma pela sociedade emudeceram Ponciá que aos poucos foi tendo a sua identidade esfacelada. No entanto, aspectos referentes à ancestralidade negro-brasileira estão presentes no romance e permitem que o leitor compreenda a importância dos ancestrais para o caminho percorrido por suas personagens no presente da narrativa.

Em *Ponciá Vicêncio*, a ancestralidade está diretamente relacionada à construção identitária da personagem principal, em que a intrigante semelhança entre ela e o avô Vicêncio estabelece a conexão entre presente e passado:

Um dia, a mãe com ela nos braços, estava de pé junto ao fogão de lenha, olhando a dança do fogo sob a panela fervente, quando a menina veio escorregando mole. Veio forçando a descida pelo colo da mãe e, pondo-se de pé, começou as andanças. Surpresa maior, não foi pelo fato de a menina ter andado tão repentinamente, mas pelo modo. Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. Fazia quase um ano que vô Vicêncio tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? Todos se assustavam (EVARISTO, 2017, p. 16).

Sobre a semelhança física com o avô evidenciada no corpo de Ponciá, é importante ressaltar o que Leda Martins (2003) diz sobre o corpo ser o local da inscrição da ancestralidade, visto que em culturas em que há predomínio de gestos e oralidade, como as africanas e indígenas, o corpo é, por excelência, local de memória. De acordo com Leda, o corpo se apresenta como rastro da memória. No romance, a relação entre memória e ancestralidade é nítida e de acordo com Juana Elbein dos Santos (1986)

O ser humano, como todos os seres, é constituído por elementos coletivos, representações deslocadas das entidades genitoras, míticas ou divinas e ancestrais ou antepassados (de linhagem ou família) e por uma combinação de elementos que constituem sua especificidade, ou seja, sua unidade individual (SANTOS, 1986, p. 203).

Adentrar pelo romance de Conceição Evaristo trata-se de um reconhecer e avivar de nossas raízes, reencontrar nossos antepassados e reviver a diáspora africana. Reconhecer que nossa memória individual nos fala muito sobre a história coletiva de um povo, sobre movimentos de resistência, ora grandiosos, ora sutis.

A história de *Ponciá Vicêncio*, aquela cujo próprio nome soava como algo desconhecido, reflete um passado pós-abolicionista e um presente que ainda não foi capaz de abolir a herança da escravidão e que insiste em subjugar o quanto pode o negro no Brasil. Os laços de afetividade com a família, apesar das dificuldades, é o que ainda dá à personagem esperanças de dias melhores.

A ruptura física com a família, deixando seu povoado e indo para a cidade em busca de melhores condições de vida, transmitem ao leitor a permanente inadequação do negro, seja no campo ou na cidade. A humilhação, exploração de seu trabalho, e a miserabilidade das condições de vida do negro e, particularmente, da mulher negra são “gritados” no texto de Evaristo.

O fazer literário de Conceição acalenta a alma de um povo ao qual o conhecimento de sua genealogia foi negado, para o qual é presentificada, dia após dia, a volta dada à árvore do baobá com o intuito de que o esquecimento

de suas raízes o acompanhe eternamente, assaltando assim sua identidade. O nome como marca de um período escravocrata também é tratado em *Ponciá Vicêncio*, o que demonstra a perpetuação da colonização pela perda de identidade, representada pelo seu nome. Evaristo dá voz aos excluídos e escancara nossas angústias como afro-brasileiros.

Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamado outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (EVARISTO, 2017, p. 18).

Considerações finais

A construção da identidade da personagem principal do romance de Conceição Evaristo está atrelada a esse passado sofrido que tem como consequência não só a loucura de Vô Vicêncio, mas também a desconstrução de sua família. O vazio sentido por Ponciá e o desejo de viver uma realidade diferente fazem com que a personagem tente refúgio em sua imaginação, pois a dureza da realidade que se impõe hoje e, em outrora aos seus antepassados, é ofensiva demais.

A intimidade criada entre personagem e leitor faz com que a protagonista seja percebida, para muitos, como se houvesse algum grau de parentesco entre ambos. Não à toa, Conceição conta já ter sido chamada de Ponciá Evaristo e se refere aos personagens criados por ela como parentes de primeiro grau. Segundo ela, Ponciá seria a parenta da qual ela gosta particularmente (EVARISTO, 2017, p7).

A identificação com a narrativa também se ratifica pela capacidade da obra em se apresentar como um movimento de resistência, que enfatiza a fortaleza de espírito de mulheres negras, criadoras de obras de arte que contavam por si mesmas o valor de sua história.

A importância concedida à sabedoria do feminino negro é algo latente no texto de Conceição Evaristo, retratada não só pelo talento das personagens no manuseio do barro, ao criar objetos que, posteriormente são apresentados como arte em exposição na cidade, pela relevância e o acatamento das decisões das mulheres no que dizia respeito aos assuntos da família, mas também pela sabedoria relacionada ao sobrenatural representada por Nêgua Kainda, personagem que religa, de certa forma, todos os laços perdidos entre os personagens.

O encontro da personagem principal com a mãe e o irmão reata os laços de afetividade perdidos, reavivando o passado nostálgico de Ponciá em que a relação com seus familiares se apresentava como um acalanto, que a retirava da

inóspita realidade do presente. A herança de uma história sofrida, viva na memória de todos, deixada por Vô Vicêncio, é concretizada.

Ponciá volta ao seu povoado e ao contato com o barro que, na mitologia de algumas culturas de matriz africana, trata-se da matéria prima utilizada pelo orixá no renascimento ou criação do ser humano. Renascida também em seus laços com a família, ela reencontra a mãe e o irmão, já de posse da herança deixada pelo seu avô – a loucura.

Evaristo diz que sua escrita é viva, pois evidencia uma narrativa própria que se confunde com a história de vida de outras mulheres negras que, assim como ela, precisam transpor obstáculos diários pautados na discriminação por sua cor da pele, classe social e gênero. Portanto, a semelhança na narrativa de vida de Ponciá e de tantas outras mulheres negras pode explicar a repercussão positiva provocada pela obra.

O imbricamento entre Rememorações e Escrevivências de um coletivo afro-brasileiro no romance permitiram que Evaristo construísse não só a identidade da personagem-protagonista, mas confrontasse a historiografia oficial e o cânone literário com sua obra. O protagonismo concedido à mulher negra e o retrato das várias nuances da personalidade de Ponciá Vicêncio contribuíram para que a autora descolonizasse a representação do negro na literatura brasileira.

Referências

ALVES, Miriam. **Cadernos Negros 8**. Organização Quilombhoje. São Paulo: Edição dos autores, 1985.

ANZALDÚA, Gloria E. **“Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”**. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. sem. 2000.

EVARISTO, Conceição. Depoimento. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOTLIB, Nádía Battela. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. Disponível em: <http://www.mulheraliteratura.ufsc.br/artigo_nadia_gotlib.htm>. Acesso em 10. Mar. 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.24, p 68-75, 1996.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo e da memória: os congados.** O Percevejo – Revista de Teatro, Crítica e Estética, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 68-83, 2003.

RICOEUR, Paul. **Memória, a história, o esquecimento.** Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto Egun na Bahia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.